

PE-013 - CISTADENOMA SEROSO DE PÂNCREAS EM PACIENTE PEDIÁTRICO: UM RELATO DE CASO

Marinna Vedana¹, Laura Richetti Franzosi¹, Luisa Simoni¹, Andressa Beckmann¹, Carla Regina Festa¹, Gustavo Pileggi Castro¹, Letícia Reginato¹, Maiara Christine Macagnan¹, Tuani Isabel Bossa¹, Martina Estacia da Cas¹

1 - Universidade de Passo Fundo (UPF).

Introdução: O cistadenoma seroso do pâncreas é uma neoplasia epitelial cística composta por células ricas em glicogênio do tipo seroso. Geralmente assintomático, pode causar dor, icterícia, náuseas e vômitos. É raro em crianças. **Relato de caso:** Paciente feminina, 10 anos e 8 meses, relata dor bilateral em hipocôndrio há 6 meses, contínua, aliviada com analgesia e piorada com ingesta alimentar copiosa. Nega febre ou outros sintomas. Exames físico e laboratoriais sem alterações. Ultrassonografia de abdome mostrou pequeno cisto de aspecto simples no corpo do pâncreas. Ressonância Magnética (RM) de abdome mostrou massa cística multisseptada na cauda do pâncreas, medindo 7x3x3cm (LLxCCxAP), septos lisos e finos e com moderada impregnação de contraste, considerando-se a hipótese diagnóstica de cistadenoma mucinoso. Realizada pancreatectomia corpo-caudal, com achado intra-operatório de múltiplas lesões císticas no pâncreas. Exame anatomopatológico (AP) evidenciou cistadenoma seroso de pâncreas. A paciente teve boa evolução pós-operatória, com laboratoriais sem alterações e bom controle glicêmico. Foi iniciada Pancrease antes do almoço e do jantar e mantido acompanhamento ambulatorial. **Discussão:** As neoplasias císticas do pâncreas são raras. O caso relata um cistadenoma seroso, que é mais frequente no sexo feminino e normalmente diagnosticado após os 50 anos. Corroborando a literatura, o paciente descrito neste relato é do sexo feminino, no entanto, a paciente relatada tinha 10 anos de idade no momento do diagnóstico, sendo assim, um dos únicos casos a ser relatado na literatura nessa faixa etária, já que até o momento encontram-se apenas outros 7 casos relatados em pacientes pediátricos. Os cistadenomas serosos apresentam-se, em sua maioria, assintomáticos ao diagnóstico. Pacientes sintomáticos costumam apresentar dor abdominal, massa palpável em abdome, anorexia, icterícia, fadiga/mal-estar ou perda de peso, sendo a dor abdominal o sintoma mais frequente, o que podemos observar também no caso descrito. A diferenciação pode ser bastante difícil no pré-operatório. Neste caso, pôde-se observar na RM uma massa cística multisseptada com moderada impregnação de contraste, o que justifica a suspeita inicial de cistadenoma mucinoso. Após o AP, evidenciou-se o cistadenoma seroso. Atualmente, o consenso para tratamento cirúrgico dessas lesões se baseia em risco de malignidade, tais como: maior que 3 cm, nódulo de realce na parede do cisto ou presença de componente sólido dentro do cisto. Neste caso, devido à presença dos dois primeiros itens citados e paciente sintomática, optou-se por pancreatectomia corpo-caudal. **Conclusão:** Conclui-se que, apesar de raras, deve-se atentar para o diagnóstico das lesões císticas do pâncreas, especialmente quando clínica sugestiva e confirmação por exame de imagem. Após o diagnóstico, atentar para as indicações de pancreatectomia ou de tratamento conservador. A importância desse relato encontra-se na raridade deste diagnóstico em crianças, sendo um alerta para essa possibilidade.

PE-014 - OBERTURA VACINAL CONTRA A POLIOMELITE ABAIXO DOS 6 MESES ENTRE 2015 E 2020 NO BRASIL

Laura Richetti Franzosi¹, Marinna Vedana¹, Luisa Simoni¹, Camila Donato Gonçalves¹, Henrique Copini Fritzen¹

1 - Universidade de Passo Fundo (UPF).

Introdução: A poliomielite é uma doença que pode causar desde sintomas constitucionais até paralisia. Com o advento da vacinação, foi possível erradicá-la em 1994 no Brasil. Porém, atualmente, enfrenta-se um período de queda nas taxas de adesão à vacinação, o que representa um risco à saúde pública. **Objetivo:** Analisar a cobertura vacinal contra a poliomielite nas crianças abaixo de 6 meses entre 2015 e 2020. **Métodos:** Análise de artigos disponibilizados pela base de dados PubMed e análise de dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde por meio do órgão DataSUS. O esquema vacinal contra a poliomielite é composto de 3 doses da vacina injetável (VIP), as quais devem ser realizadas aos dois, quatro e seis meses de idade, sendo necessários dois reforços com a vacina oral (VOP), sendo um aos quinze meses e outro aos 4 anos de vida, indicadas para todas as crianças. A meta para cobertura vacinal contra a poliomielite é de pelo menos 95% de crianças vacinadas em cada município. No entanto, nos últimos anos, a cobertura vacinal contra a doença caiu consideravelmente no Brasil, sendo a taxa de imunização em 2015 de 98,29% e em 2021 de 67,21%. Tendo essa queda em vista, foram analisadas as taxas de imunização da Vacina Inativada da Poliomielite (VIP) no Brasil por regiões de 2015 a 2020. **Resultados:** Foi observada uma cobertura vacinal média de 86,17% entre os anos de 2015 e 2020. O ano de 2020 apresentou o menor valor dentro do período analisado, com 76% da população alvo imunizada. Os anos de 2016 e 2020 foram os anos com queda mais significativa da cobertura vacinal, com diminuição de 14,1% e 9,6% respectivamente, enquanto o ano de 2018 mostrou o aumento mais significativo de cerca de 5%. Já, dividida por regiões, a região Nordeste apresentava 100,44% de cobertura no primeiro ano da análise, passando a ser de 71,86% em 2020, caracterizando a maior queda na taxa de imunização, cerca de 28,45%. No Sudeste, região de maior alcance em 2015, com 100,52%, a cobertura caiu para 77,74% no último ano da análise. A região Sul, de 95,57% de cobertura em 2015, foi para 89% em 2020, mantendo, assim, a melhor média de cobertura vacinal nos 6 anos analisados (DataSUS, 2021). **Conclusão:** Diante do que foi exposto, evidencia-se uma tendência nacional de redução no número de imunizações no Brasil no decorrer dos anos para a Vacina Inativada da Poliomielite. Isso sinaliza a necessidade de políticas que visem recuperar a adesão vacinal da população contra essa doença que voltou a trazer a possibilidade de debilitar as crianças brasileiras.